

## EDITORIAL

Caro leitor,

Apresentamos-lhe mais um número da revista *Sapiens. História, Património e Arqueologia*, o número 5, composto por cinco artigos em que as temáticas e as épocas abordadas são muito diversas entre si.

Francisco Gomes traz-nos uma leitura da questão das identidades de género aplicada à arqueologia, destacando, neste contexto, precisamente, as potencialidades da arqueologia de género. Um trabalho de contextualização deste tipo de abordagem arqueológica, expondo os principais aspectos teóricos que a enquadram e a sua evolução desde a década de 1980, e realçando, por fim, as suas potencialidades para a análise da Idade do Ferro Orientalizante. A este nível, a abordagem da arqueologia de género permitiu-lhe colocar algumas questões interessantes, mesmo reconhecendo que os dados actualmente disponíveis são insuficientes para que lhes possamos dar resposta, por exemplo, «[...] que tipo de dinâmicas de interligação matrimonial e sexual [...]» se estabeleceu entre as comunidades fenícias e os povoados indígenas na Península Ibérica, que papel desempenharam os matrimónios nas relações entre estes povos e «[...] que normas sexuais terão prevalecido na convivência tão próxima entre populações diferenciadas?»

Selma Faria traz-nos um estudo sobre a temática do aleitamento isíaco com base na análise de três estatuetas pertencentes à Coleção de Antiguidades Egípcias do Museu Nacional de Arqueologia. Falando-nos brevemente da longevidade do culto a Ísis no Egipto Antigo e da sua disseminação entre as civilizações do Próximo Oriente e do mundo clássico, a autora foca-se, depois, na questão do aleitamento e do seu simbolismo: Ísis na sua condição de rainha-mãe, mas também no seu papel de «transmissora da monarquia no Egipto».

O professor Cláudio Carle oferece-nos uma breve perspectiva diacrónica da presença do povo M'Bya Guarani na América do Sul, nomeadamente no espaço que integra hoje o Brasil. As suas origens, as suas marcas identitárias, a sua ampla distribuição territorial na América do Sul e como esse facto influenciou a sua organização social, a evolução do seu relacionamento com os europeus até aos dias de hoje, os conceitos de redução e missão, realçando o papel dos jesuítas neste contexto e caracterizando a arquitectura espacial dos povoados, ou reduções, criados para albergar e civilizar as populações índias.

António Paulo Duarte faz-nos uma síntese daquelas que encara como as principais batalhas e sublevações políticas que, centradas em Lisboa, polvilharam a I República, que considera ter sido, partilhando da posição de Fernando Rosas, «[...] um longo interregno entre dois regimes conservadores.», analisando-as do ponto de vista político-estratégico e caracterizando a forma como esses acontecimentos influenciaram, decisivamente, a evolução e o destino do regime.

David Pereira, focando-se na análise dos programas de treze forças políticas, sociais e sindicais, no período que antecede o estabelecimento do Acto Colonial, em 1930, identifica e caracteriza as suas principais propostas programáticas face à administração das colónias portuguesas.

Por fim, apresentamos-lhe três obras.

João Vieira comenta um livro, coordenado por Francesca Stavrakopoulou e John Barton, sobre a religiosidade nos reinos de Samaria e Judá entre a Idade do Ferro e o período helenístico, João Miguel Almeida apresenta-nos o livro de Sérgio Ribeiro Pinto, uma adaptação da sua dissertação de mestrado, sobre o Decreto-Lei de 20 de Abril de 1911 e a separação entre Estado e igrejas no período da I República, encarada pelo republicanismo como um factor de modernização política, social e cultural, e Filipe de Almeida Soares, por sua vez, traz-nos a sua perspectiva sobre uma obra de Ian Kershaw que se propõe compreender os mecanismos subjacentes ao exercício do poder ditatorial de Hitler.